

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

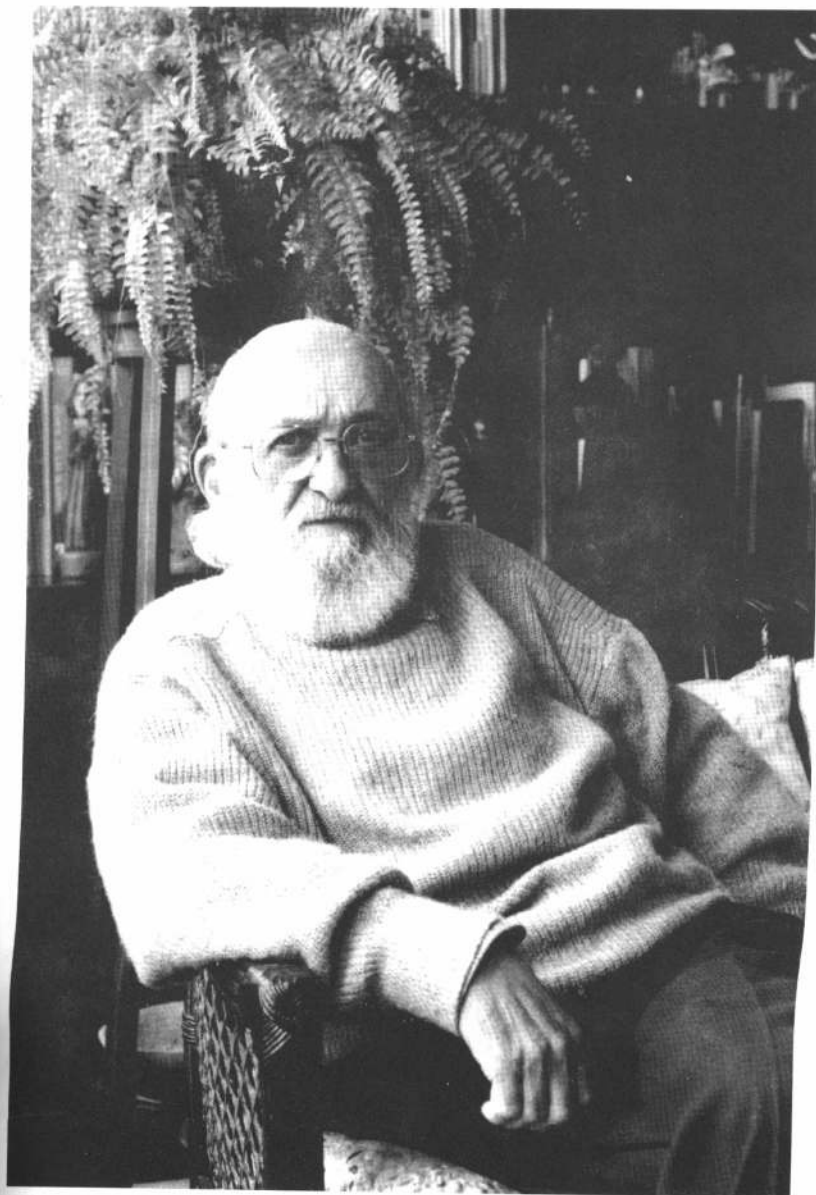
acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

IDÉIAS & FATOS

O LEGADO DE PAULO FREIRE

*Moacir Gadotti**

Paulo Freire
Foto, Clovis Cranchi Sobri,
reprodução arquivo
CULTURA VOZES.

* Moacir Gadotti é professor titular da Universidade de São Paulo e diretor geral do Instituto Paulo Freire. Escreveu, entre outras obras: *Convite à leitura de Paulo Freire*, publicado em 1989 pela Editora Scipione e *Pedagogia da práxis*, com prefácio de Paulo Freire, publicado em 1995 pela Editora Cortez e pelo Instituto Paulo Freire. Foi o organizador do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, publicado pelo Instituto Paulo Freire e pela Editora Cortez em 1996. Este último livro, com 780 páginas, é a obra mais completa existente sobre Paulo Freire.

Não existe nada que me envergonhe de ser um professor. Eu sou um professor. Ensinar é absolutamente fundamental. Para mim, a questão é como ser um professor que facilita o saber aos educandos, aos estudantes. Em outras palavras, como ensinar sem impor aos estudantes nosso próprio conhecimento, nossas opções políticas e ideológicas. Mas também sem omiti-las. Eu não tenho ocultado minhas opções aos estudantes. Mas eu também respeito as escolhas deles. Se nós entendemos que ensinar não é uma experiência de dar conhecimento aos outros nem de demonstrar conhecimento sobre isto ou aquilo, mas de troca com os estudantes para que eles se apoderem do conhecimento que é de todos, para mim, esta é uma tarefa permanente em toda a história da humanidade.

Há um certo momento em que também os professores "facilitadores" têm que ensinar alguma coisa. Se eles não fazem isto, o processo de engajamento com o ato de conhecer pára. Epistemologicamente, é impossível conhecer sem informação. Há um momento no processo de conhecimento no qual o sujeito cognitivo precisa de um segundo tipo de informação. Precisamente neste momento em que a informação é demandada, os facilitadores têm que ensinar, porque eles têm que tornar possível a informação. Para mim o problema é saber se sou um professor democrático ou um professor autoritário. Esta é a questão, para mim. Não parar de ser professor (In: *Religious Education*, vol. 79, número 4, final de 1984, p. 520-521).



PAULO REGLUS NEVES FREIRE

1. † 2 de maio de 1997.

Faz apenas alguns dias que Paulo Freire faleceu¹, vítima de um infarto. Convivi muito de perto com ele nos últimos 23 anos. Dia primeiro de maio, um dias antes de sua morte, estávamos discutindo ainda vários projetos a serem desenvolvidos pelo Instituto Paulo Freire (IPF) que era, para ele, um espaço de discussão e de busca de novas perspectivas educacionais. Ele havia projetado ministrar aí vários cursos, inclusive um para estudantes estrangeiros. Ele nos dizia que era muito sacrificado para ele viajar para o exterior e que seria melhor que os estudantes

estrangeiros que quisessem ouvi-lo poderiam ser recebidos no IPF. Faleceu no auge de sua produção intelectual, com um livro inacabado e muitos projetos.

Os leitores deste artigo, o primeiro que escrevo após a sua morte, devem compreender que é muito difícil para mim dizer alguma coisa sobre ele neste momento. Estou ainda sob o impacto da sua morte. Não consegui ainda transformar a dor em saudades. Mesmo assim, vou falar um pouco do seu legado, enfocando principalmente a sua práxis político-pedagógica recente no contexto educacional brasileiro.

Com certeza, podemos dizer que o pensamento de Paulo Freire é um *produto existencial e histórico*. Ele forjou seu pensamento na luta, na práxis, entendida esta como “ação, mais reflexão”, definição que ele mesmo deu. A sociedade brasileira e latino-americana da década de 60 pode ser considerada como o grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como o “*Método Paulo Freire*”. A situação de intensa mobilização política desse período teve uma importância fundamental na consolidação do pensamento de Paulo Freire, cujas origens remontam à década de 50. O momento histórico que Paulo Freire viveu no Chile foi fundamental para explicar a consolidação da sua obra, iniciada no Brasil. No Chile, ele encontrou um espaço político, social e educativo muito dinâmico, rico e desafiante, permitindo-lhe rees- tudar seu método em outro contexto, avaliá-lo na prática e sistematizá-lo teoricamente.

O que chamou a atenção dos educadores e políticos da época era o fato de que o método Paulo Freire “acelerava” o processo de alfabetização de adultos. Paulo Freire não estava aplicando ao adulto alfabetizando o mesmo método de alfabetização aplicado às crianças. É verdade, outros já estavam pensando da mesma forma. Todavia, foi ele o primeiro a sistematizar e experimentar um método inteiramente criado para a educação de adultos.

Com certeza, podemos dizer que o pensamento de Paulo Freire é um *produto existencial e histórico*. Ele forjou seu pensamento na luta, na práxis, entendida esta como “ação, mais reflexão”, definição que ele mesmo deu. A sociedade brasileira e latino-americana da década de 60 pode ser considerada como o grande laboratório onde se forjou aquilo que ficou conhecido como o “*Método Paulo Freire*”.

As teorias construtivistas atuais também se apóiam no significado da experiência vivida, no saber do aluno. Portanto é preciso conhecê-lo e sistematizá-lo. Contudo, o *construtivismo freireano* vai além da pesquisa e da tematização. O construtivismo freireano mostrou não só que todos podem aprender (Piaget), mas que todos sabem alguma coisa e que o sujeito é responsável pela construção do conhecimento e pela ressignificação do que aprende. A criança, o jovem e o adulto só aprendem quando têm um *projeto de vida* onde o conhecimento é significativo para eles. Mas é o sujeito que aprende através de sua própria ação transformadora sobre o mundo. É ele que constrói suas próprias categorias de pensamento, organiza o seu mundo e transforma o mundo.

A obra de Paulo Freire é *interdisciplinar* e pode ser vista tomando-o como pesquisador e cientista, ou como educador. Contudo, essas duas dimensões implicam numa outra: Paulo Freire não as separa da política. Paulo Freire deve ser considerado também como um político. Essa é a dimensão mais importante da sua obra. Ele não pensa a realidade como um sociólogo que procura apenas entendê-la. Ele busca, nas ciências, elementos para, compreendendo mais cientificamente a realidade, poder intervir de forma mais eficaz nela. Por isso, ele pensa a educação ao mesmo tempo como *ato político*, como *ato de conhecimento* e como *ato criador*. Todo o seu pensamento tem uma relação direta com a realidade. Essa é sua marca. Ele não se comprometeu com *esquemas burocráticos*, sejam eles esquemas do poder político, sejam esquemas do poder acadêmico. Comprometeu-se, acima de tudo, com uma realidade a ser transformada.

Paulo Freire propõe uma nova concepção da *relação pedagógica*. Não se trata de conceber a educação apenas como transmissão de conteúdos por parte do educador. Pelo contrário, trata-se de estabelecer um diálogo.

Paulo Freire propõe uma nova concepção da *relação pedagógica*. Não se trata de conceber a educação apenas como transmissão de conteúdos por parte do educador. Pelo contrário, trata-se de estabelecer um diálogo. Isso significa que aquele que educa está aprendendo também. A pedagogia tradicional também afirmava isso, só que em Paulo Freire o educador também aprende do educando da mesma maneira que este aprende dele. Não há ninguém que possa ser considerado definitivamente educado ou definitivamente

formado. Cada um, a seu modo, junto com os outros, pode aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades da realidade na vida. A educação torna-se um processo de formação comum e permanente.

Mas, Paulo Freire pode ainda ser lido pelo seu gosto pela *liberdade*. Essa seria uma leitura libertária. Como muitos dos seus intérpretes afirmam, a tese central da sua obra é a tese da *liberdade-libertação*. A liberdade é o ponto central de sua concepção educativa desde suas primeiras obras. A libertação é o fim da educação. A finalidade da educação será libertar-se da realidade opressiva e da injustiça. A educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos.

A libertação, como objetivo da educação, situa-se no horizonte de uma *visão utópica* da sociedade e do papel da educação. A educação, a formação, devem permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um *mundo inacabado* e isso implica a *denúncia* da realidade opressiva, da realidade injusta (inacabada) e, conseqüentemente, de crítica transformadora, portanto, de *anúncio* de outra realidade. O anúncio é necessário como um momento de uma nova realidade a ser criada. Essa nova realidade do amanhã é a utopia do educador de hoje.

Muitos seriam os exemplos de seu pensamento que poderíamos citar, mostrando, sobretudo, a estreita coerência entre teoria e prática. Tomemos apenas um, o mais recente: o de sua prática como administrador público (1989-1991) à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Para os que conheciam de perto Paulo Freire, não foi surpresa a sua *capacidade administrativa*. O segredo dele foi saber governar de forma democrática. Nos quase dois anos e meio à frente da Secretaria da Educação, ele conseguiu criar uma equipe de cinco ou seis auxiliares que podiam trabalhar com muita autonomia e podiam substituí-lo em qualquer emergência. Existia apenas uma reunião semanal em que se discutiam as linhas gerais da política da Secretaria. Se fosse necessário, novos rumos eram tomados. Paulo Freire defendia ardorosamente suas opiniões,

Paulo Freire defendia ardorosamente suas opiniões, mas sabia trabalhar em equipe, muito longe do espontaneísmo de que havia sido acusado. Ele tinha autoridade, mas exercia-a de forma democrática.

Enfrentava situações conflituosas com muita paciência.

mas sabia trabalhar em equipe, muito longe do espontaneísmo de que havia sido acusado. Ele tinha autoridade, mas exercia-a de forma democrática. Enfrentava situações conflituosas com muita paciência. Dizia que o trabalho de mudança na educação exigia paciência histórica, porque a educação é um processo a longo prazo.

Quais as *mudanças estruturais* mais importantes introduzidas nas escolas da rede municipal de ensino por Paulo Freire?

É ele mesmo quem responde em seu livro sobre a sua experiência à frente da Secretaria (*A educação na cidade*, p. 79-80): “as mudanças estruturais mais importantes introduzidas na escola incidiram sobre a autonomia da escola”. Foram restabelecidos os *conselhos de escola* e os *grêmios estudantis*. No entanto, continua Paulo Freire, “o avanço maior ao nível da autonomia da escola foi o de permitir no seio da escola a gestação de projetos pedagógicos próprios que com apoio da administração pudessem acelerar a mudança da escola”.

Para ilustrar esse processo de mudança vou apresentar três exemplos: o programa de *formação permanente*, o programa de *alfabetização de jovens e adultos* e a prática da *interdisciplinaridade*.

1º O programa de *formação permanente do professor*. Desde o início da administração, Paulo Freire insistia que estava profundamente empenhado na questão da formação permanente dos educadores. Seu programa de formação do magistério foi orientado pelos seguintes *princípios* (*A educação na cidade*, p. 80):

a) O educador é o sujeito da sua prática, cumprindo a ele criá-la e recriá-la através da reflexão sobre o seu cotidiano.

b) A formação do educador deve ser permanente e sistematizada, porque a prática se faz e refaz.

c) A prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer.

d) O programa de formação dos educadores é condição para o processo de reorientação curricular da escola.

Com esse programa, Paulo Freire queria formar professores para uma *nova postura pedagógica*, considerando sobretudo a tradição autoritária brasileira. Não se pode esperar que em poucos anos isso seja superado. Por isso, Paulo Freire pôs à prova a sua conhecida paciência pedagógica, com decisão política, competência técnica, amorosidade e sobretudo com o exercício da democracia. Acabou tendo êxito nessa sua tarefa. A formação do educador ultrapassa, transcende, os cursos explicativos teóricos em torno da democracia. A formação se dá através da prática, da real participação. A prática da democracia vale muito mais do que um curso sobre democracia.

2º O programa de alfabetização de jovens e adultos. Além do intenso programa de formação do educador, Paulo Freire deu início a um movimento de alfabetização em parceria com os movimentos populares, ao lado da expansão do *ensino noturno* e do *ensino supletivo*.

Esse projeto, iniciado efetivamente em janeiro de 1990, teve grande repercussão tanto na cidade de São Paulo como em outros estados, pela proposta de fortalecimento dos movimentos populares. Foi um dos raros exemplos de *parceria entre a sociedade civil e o Estado*. É evidente que nessas circunstâncias a relação não é sempre harmoniosa. Ela é perpassada por tensões. Mas essa é a condição necessária para um trabalho paritário entre o Estado e os movimentos populares.

O MOVA-SP não impôs uma única orientação metodológica ou, como se costuma dizer, o *Método Paulo Freire*. Procurou-se manter o pluralismo, só não se aceitando métodos pedagógicos anticientíficos e filosóficos autoritários ou racistas. Mesmo sem impor nenhuma metodologia, foram sustentados os princípios político-pedagógicos da teoria educacional de Paulo Freire, sintetizados numa *concepção libertadora de educação*, evidenciando o papel da educação na construção de um novo projeto histórico, a teoria do conhecimento que parte da prática concreta na construção do saber, o educando como sujeito do conhecimento e a compreensão da alfabetização não apenas como um

Com esse programa, Paulo Freire queria formar professores para uma *nova postura pedagógica*, considerando sobretudo a tradição autoritária brasileira. Não se pode esperar que em poucos anos isso seja superado. Por isso, Paulo Freire pôs à prova a sua conhecida paciência pedagógica, com decisão política, competência técnica, amorosidade e sobretudo com o exercício da democracia.

processo lógico, intelectual, mas também profundamente afetivo e social.

3ª *A prática da interdisciplinaridade.* A enormidade da obra de Paulo Freire e os seus numerosos trânsitos por várias áreas do conhecimento e da prática nos levam a um outro tema central de sua teoria-prática: a *interdisciplinaridade*. A interdisciplinaridade não é apenas um *método* pedagógico ou uma *atitude* do professor. É uma *exigência* da própria natureza do ato pedagógico.

A ação pedagógica através da *interdisciplinaridade* e da *transdisciplinaridade* aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social. O educador, sujeito de sua ação pedagógica, é capaz de elaborar programas e métodos de ensino-aprendizagem, sendo competente para inserir a sua escola numa comunidade. O objetivo fundamental da interdisciplinaridade é *experimentar a vivência de uma realidade global* que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentizada e fragmentada. Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio-ambiente, etc., é o objetivo da interdisciplinaridade que se traduz na prática por um *trabalho coletivo e solidário* na organização do trabalho na escola. Não há interdisciplinaridade sem descentralização do poder, portanto, sem uma efetiva *autonomia da escola*. O último livro lançado no Brasil no dia 10 de abril de 1997, menos de um mês antes de sua morte, é sobre a *Pedagogia da autonomia*.

Paulo Freire deixou a Secretaria Municipal de Educação dia 27 de maio de 1991. Depois de quase dois anos e meio, Paulo voltou à sua biblioteca e às suas atividades acadêmicas "à maneira de quem, saindo, fica", como afirma no epílogo do seu livro *A educação na cidade* (p. 143). Na verdade, Paulo Freire continuou uma presença ativa na Secretaria, oferecendo sua larga experiência traduzida na prática dos projetos que a Secretaria realizou. Na sua despedida afirmou: "mesmo sem ser mais secretário continuarei junto de vocês de outra forma... Continuem contando comigo na construção de uma política educacional, de uma escola com outra 'cara', mais alegre, fraterna e democrática" (*A educação na cidade*, p. 144).

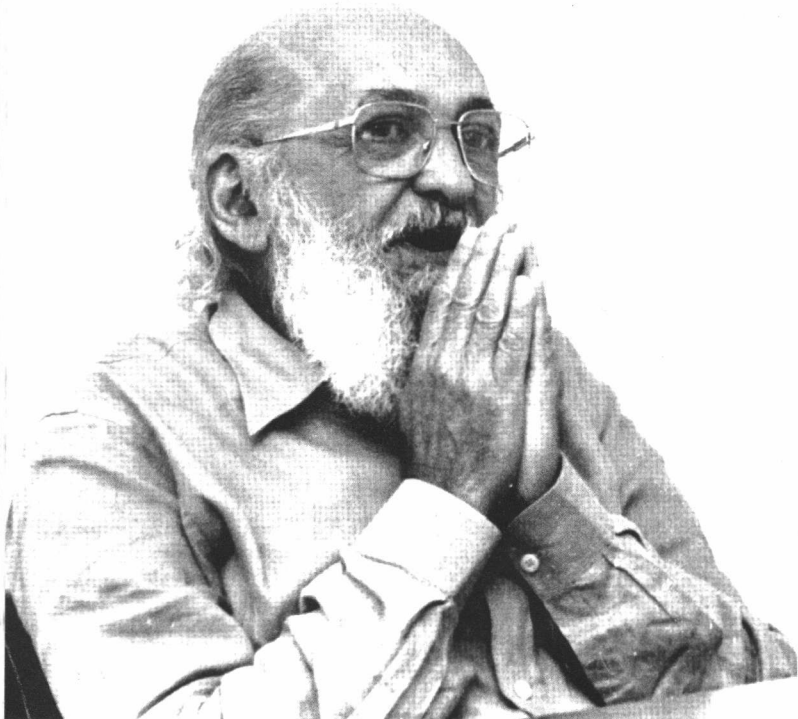
- Como Paulo Freire reagia diante das *críticas* à sua pessoa ou à sua obra?

Os ataques à sua pessoa foram raríssimos, porque suas idéias podem gerar polêmica, mas não a sua pessoa. Sua personalidade foi transparente. Não havia lugar para a hipocrisia. Não respondia a críticas pessoais. Também não polemizava com os críticos à sua obra. Paulo Freire acreditava que o humor é uma arma pedagógica progressista, mas a polêmica não. O humor é construtivo e a polêmica, muitas vezes, destrutiva. Por isso, não polemizou com nenhum de seus críticos. Isso não significa que ele tivesse se omitido ou não desse respostas.

Considerava as críticas positivamente e procurava aprender com elas. Quando respondia indiretamente em seus livros - e isso ele fez sistematicamente - ele procurava, antes de mais nada, *contextualizar as suas obras*, mostrando que ele era filho do seu tempo. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma *evolução* no seu pensamento em que ele vai superando certas "ingenuidades" - como ele mesmo afirma na *Pedagogia da esperança* (p. 67).

Mas existem também críticas que provêm de *leituras* muito diferentes e até contraditórias da própria obra de Paulo Freire. Leituras legítimas e sérias. Contudo, neste caso, Paulo Freire tinha o direito de discordar e discordou dessas leituras: ele não se reconheceu em muitas delas.

Certos críticos conservadores afirmam que ele não tem uma *teoria do conhecimento*, porque não estuda as relações entre o sujeito do conhecimento e o objeto. Ele se interessaria apenas pelo produto. Isso não é verdade: antes de mais nada, o seu pensamento funda-se numa explícita teoria antropológica do conhecimento. Outros o acusam de *autoritarismo*, afirmando que o seu método supõe a transformação da realidade e nem todos desejam transformá-la. Portanto, seria um método não científico (porque não aplicável universalmente). Seu método seria autoritário na medida em que ele obriga a todos a participarem na transformação. É claro que essa crítica ignora que Paulo Freire não aceita a idéia de uma *teoria pura* - para ele uma ilusão - mas numa *teoria crítica* enraizada numa filosofia social e política. Ele



Os ataques à sua pessoa foram raríssimos, porque suas idéias podem gerar polêmica, mas não a sua pessoa. Sua personalidade foi transparente.

Paulo Freire

Foto, Carolina Fernandes, reprodução arquivo CULTURA VOZES.

rejeita a idéia da neutralidade científica – como recusa o academicismo – e argumenta que os conservadores, sobre a capa da neutralidade política de uma teoria pura, escondem a sua ideologia conservadora.

– O que um educador pode deixar como legado?

Em primeiro lugar pode deixar uma *vida*, uma biografia. E Paulo nos encantou com a sua ternura, sua doçura, seu carisma, sua coerência, seu compromisso, sua seriedade. Suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por um mundo “menos feio, menos malvado, menos desumano”, como ele nos dizia. Ao lado do amor e da esperança ele também nos deixa um legado de indignação di-

ante da injustiça. Diante dela dizia que não podemos “adocicar” nossas palavras.

Além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos ele nos deixa uma imensa *obra* estampada em muitas edições de livros, em artigos e vídeos espalhados pelo mundo. Perguntaram-me, certa vez, por que a sua pedagogia teve tanto êxito. Eu respondi que era porque a sua “pedagogia do diálogo” não humilhava o aluno, o outro. A pedagogia conservadora humilha o aluno e a pedagogia de Paulo Freire deu *dignidade ao aluno*, colocando o professor ao lado dele – com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo – mas como um ser que também busca, como o aluno. Ele também é um aprendiz... Esse é o legado de Freire.

Paulo Freire não encarou a educação apenas como uma técnica embasada numa teoria do conhecimento, mas como um

afazer social, político e antropológico. Porque embasou a sua teoria e a sua prática numa antropologia é que ele construiu uma pedagogia profundamente ética. É preciso conscientizar, mas sem violentar a consciência do outro.

No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do *pedagogismo* dos anos 60, que pretendia, pelo menos na América Latina, que a escola faria tudo, e, de outro lado, conseguiu superar o pessimismo dos anos 70, quando se dizia que a escola era puramente reprodutivista. Fazendo isso, superando o *pedagogismo* ingênuo e o *pessimismo* negativista, conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis.

Várias gerações de educadores, antropólogos, cientistas sociais e políticos, profissionais das áreas de ciências exatas, naturais e biológicas, foram influenciados por ele e ajudaram a construir uma pedagogia fundada na liberdade. O que ele escreveu faz parte da vida de toda uma geração que aprendeu a sonhar com um mundo de igualdade e justiça, lutou e está lutando por ele. Muitos deverão continuar sua obra mesmo sem ele ter deixado "discípulos". Nada menos freireano do que a idéia de discípulo, de seguidor de idéias. Ele sempre nos desafiou a "reinventar" o mundo, perseguir a verdade e não copiar idéias. Paulo Freire nos deixou raízes, asas e sonhos.

No desenvolvimento da sua teoria da educação, Paulo Freire conseguiu, de um lado, desmistificar os sonhos do *pedagogismo* dos anos 60, que pretendia, pelo menos na América Latina, que a escola faria tudo, e, de outro lado, conseguiu superar o pessimismo dos anos 70, quando se dizia que a escola era puramente reprodutivista. Fazendo isso, superando o *pedagogismo* ingênuo e o *pessimismo* negativista, conseguiu manter-se fiel à utopia, sonhando sonhos possíveis.